

SERMAM

DAS

ALMAS

PREGADO

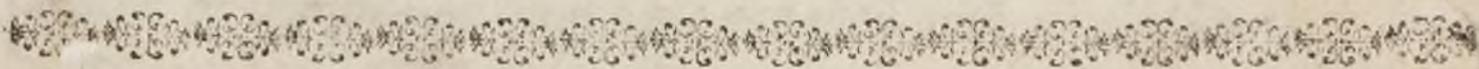
NO MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS DE
Monchique da Cidade do Porto.

PELO PADRE FR. FERNANDO DA SOLEDADE,
Religioso da Observancia de S. Francisco, & fi-
lho da Provincia de Portugal.

OFFERECIDO A SEMPRE

VIRGEM MARIA
NOSSA SENHORA.

ADMIRAVEL INTERCESSORA DOS HOMENS,
& singular Protectora das Almas do Purgatorio.



LISBOA.

Com as licenças necessarias.

Na Impressão de Bernardo da Costa d' Carvalho, Impressor,

Anno. 1694.

1
012

per 10

STELLA

DA S

ALMAS

TRÉGADO

NO MOSTETRO D'AMANDRE DE DEUS

Archiepiscopo da Cidade de Porto

TEO PADRE FR. FERNANDO DA SCLIPIDE

Religioso da Obispanha de S. Francisco de

do da Provincia de Portugal

OFFERECIDO A SEMPRE

VIR GEM MARIA

NOSSA SENHORA

ADMIRAVEL INTERCESSORA DOS HOMENS

& singular Protectora das Almas do Purgatorio

Com a licença do Sr. Bispo de Lisboa

LISBOA

Em a 15 de Maio de 1718

João de Deus, Impressor da Real Academia de Ciências



SENHORA.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

HUMILDEMENTE prostrado a vosses sanctis-
simos pés, vos offereço este primeiro fructo de meus
estudos por duas razões; a primeira, porque soys
admiravel intercessora dos homens; a segunda,
perque soys singular protectora das Almas do Purgatorio: pela
primeira causa he obrigação esta minha offerta; pelo segundo
motivo he piedade este tão humilde obsequio. He obrigação,
porque ao vosso patrocínio devo todos os meus acertos, & se a-
cazo os acharem os homens neste Sermão, quero observar a-
gradecido, o que engenhosamente nos adverte o sabio. Diz Sa-
lamão, que sabem os rios do mar, & que correm outra vez pa-
ra o mesmo mar: Ad locum unde exeunt flumina, revertün-
tur. He propriedade natural das agoas esta propensão, mas
juntamente exemplo maravilhoso da remuneração dos homẽs.
Mar soys vós ô Soberana Raynha dos Anjos, rios são os vossos
beneficios, estes correm por toda a terra, porque se difundem
por todos os peccadores, hum delles sou eu; & como he preceyto
inviolavel que tornem para o mar os rios, he em mim obriga-
ção forcosa offererevos agradecido, o que piedosamente me
concedestes liberal. Pelo segundo motivo he piedade; porque
sabendo que sois singular protectora das Bemditas Almas, of-
fereço ao vosso soberano valimento o trabalho, & fructo do
Sermão, & da sua doutrina; para que mediante a vossa bene-
volencia lhes possa servir de suffragio: Et si non valeat opus,
supereft, & abundat pietas, clementia, ac benignitas tua,
& não será esta a primeyra vez que as soccoreis piedosa, & lhe
acodis benigna; poys consta, q̃ no dia glorioso de vossa Assump-
ção sagrada despovoastes o Purgatorio. Duxit secum mul-
tam ex Purgatorio captivitatem. E não he menor a au-
thoridade de S. Bernardino de Sena, que affirma ser continua

S. Bernar-
din. Sen.
tom. 3. ser.
3. de glor.
nomin.
Mar.

Eccles. c.
1. v. 7.

Sylv. tom.
2. in pro-
log. dedi-
cat.
Joan. Gorf
tract. 4.
sup. Mag-
nif.

para

2
C12

S. Bernar
din. serm.
2. in die
Pent.

Proverb.
c. 8.

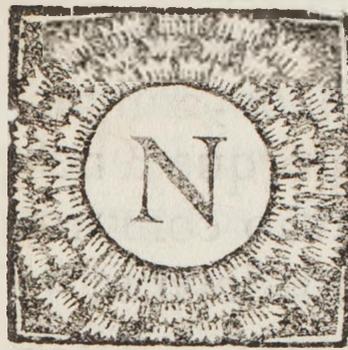
para com ellas a vossa misericordia: mas nada disto me assom-
bra quando conheço, que he toda a vossa delicia o assistirem os
homens com vosco na Bemaventurança: Deliciae meae esse
cum filijs hominum. Fosteis concebida em graça, & por isso
dezejais, que todos os filhos de Adão, soltos dos laços da culpa,
gozem na gloria com vosco a mesma graça. Assi o permiti ô
Senhora Raynha dos Anjos, para que a todos chegue o vosso
inesfavel amparo: Assi o executai ô Senhora remedio dos pec-
cadores, para que todos vos vejamos nesse Ceo Impireo: Pode-
rosa como Raynha dos Ceos; Gloriosa, como Mãe do Verbo Di-
vino; Formosa como Esposa do Espirito Santo. Amen.

Vosso indigno servo

Fr. Fernando da Soledade



Frater in angustijs comprobatur. Proverb. 17.



AS angustias, & nas tribulações se accredita verdadeyro irmão, a-
 quelle que soccorre com o remedio neffas tribulações & angustias a seu irmão: *Frater in angustijs comprobatur.* Não se differença na felicidade qual seja o verdadeyro affecto, porq̃ na felicidade todos os affectos parecem verdadeyros. Comprobase nos infortunios qual seja o verdadeyro irmão, porq̃ nos infortunios só o irmão verdadeyro se cõpadece. Muitos irmãos tinha Joseph, mas só experimentou verdadeyro o amor de Rubẽ, porque só Rubem nas suas tribulações se compadeceia de seus trabalhos: *Non interficiatis animam ejus.* Não tinha poucos amigos David, não tinha poucos a-

mantes a filha de Siao: porém tanto que viraõ a esta nas adversidades ignominiosamente constituida, logo a deyxaraõ, não mais que dos suspiros proprios acompanhada: *Spreverunt illam, quia viderunt ignominiam ejus.* Da mesma maneyra, tanto que viraõ a David das venturas distituido, logo virão de longe os seus trabalhos: *Qui iuxta me erant de longè steterunt.* Desta sorte se comprobão os verdadeyros, & os falsos amantes de seus irmãos: faltaraõ a David na sua tribulação, & logo conheceu que erão fingidos: fugirão a Jerusaleem nas suas angustias, & logo viu que não erão verdadeyros. Ora vejamos qual era esta tribulação de David, & qual era aquella angustia de Jerusaleem, para vermos a razão com que hum, & outro se queyxaõ. A tribulação de David

Gen. 37. ver. 22.

3
C12

Thren. 1. v. 8.

Psal. 37. v. 12.

David era de tal forte, que nella se considerava semelhante aos que dorme nos monumentos, feridos com os golpes da morte: *Sicut vulnerati dormientes in sepulchris, quorum non est memor amplius.* A angustia de Jerusalẽ era da mesma maneira; poys tinha entrado a morte no seu tabernaculo, deyxando horroroso cada-ver, tudo quanto nella avia agradavel, & fermoso á vista: *Occidit omne quod pulchrum erat visu in tabernaculo filiae Sion.* Queyxava se poys David, de o dezampararem nas tribulaçoẽs da morte, aquelles que o tratavão como irmão nas felicidades da vida: *Qui juxta me erant.* Lamentava-se a filha de Sion, porque a despresavão nas suas angustias, aquelles que a glorificavão nos seus triũphos: *Omnes qui glorificabant eam spreverunt illam.* E se repararmos avemos de ver que não chama David irmãos a estes, nem Jerusalẽ amantes: diz o Propheta que o desamparavão, aquelles q̃ estavão junto a elle: *Qui*

juxta me erant. Diz Jerusalẽ pela voz de Jeremias que lhe fugiraõ, aquelles que a glorificavaõ: *Qui glorificabant eam.* De forte que nem a huns, nem a outros chama o Propheta, nẽ Jerusalẽ irmãos, amigos ou amantes; porque já neste tempo estavão comprobados os verdadeyros, já nesta cccaziaõ estavão conhecidos os falsos: já David sabia muyto bem, que só a Jonathas tinha verdadeyro irmão: *Frater mi Jonathas;* poys nunca o desamparou nas suas misérias. *2. Regum cap. 26.* Já Jerusalẽ sabia que todos os seus amantes erão falsos, poys todos a tinhaõ despresado nas suas angustias: *Omnes qui glorificabant eam, &c.* E não merece o titulo de irmão, amigo, ou amante, se não aquelle que se mostra mais lembrado, quando vé a seu irmão nas angustias, & tribulaçoẽs mais affligido: *Frater in angustijs comprobatur.* Poys se esta verdade he tão certa como infalivel; com que elogios poderey encarecer nesta hora o vosso

lo amor, vendo-vos a vós Almas religiosas, & a vós Catholicos taõ affectuosos á vista dos tormentos q̄ nas Almas devossos irmãos defunctos, naquelle funebre esqueleto representaes? se não exclamando, & repetindo q̄ foys os verdadeyros irmãos, & amantes das bemditas Almas? poys tendes razão para dizer com S. Paulo, que não são motivo as angustias em que as vedes penar, para q̄ o vosso amor as deyxer de foccorrer:

35. n.8 *Quis nos separabit à charitate? an angustia?* Não tẽ poder aquelles tormentos, para obscurecerem na vossa memoria a sua lembrança.

Gen. 50. 5. *Oleastro.* *hid.* Da piedade que mostrou Joseph, celebrando as exequias de seu pay Jacob, diz Oleastro, que fora exemplar de todas as piedades: porẽm se virmos com ponderação, & reparo as circũstancias destas vossas exequias, avemos de advertir, que são emblema do mais generoso amor. Tres circũstancias, em que fundarey tres discursos, se desco-

4. 012

brem nas exequias que Joseph celebrou. Tres excellencias, para credito do vosso amor, & de vossa piedade se admirão neste vosso funebre presente acto. Foy a primeyra circũstancia das exequias que fez Joseph, o preceyto de Jacob seu pay: *Eò quod pater meus adjuraverit me.* He a primeyra excellencia das vossas exequias, não aver preceyto que vos obrigue: este será o argumento do primeyro discurso. A segunda circũstancia das exequias, que Joseph celebrou, foy o vehemẽte pranto, com que todos os assistentes sentirão a Jacob defuncto: *Planctu magno, atq̄ vehementi.* He a segunda excellencia das vossas exequias, não ter nellas lugar o pranto: este será o argumento do segundo discurso. A terceyra circũstancia das exequias que Joseph celebrou foy apartar o mesmo Joseph os olhos do sepulchro do pay, feytos os funeraes, voltando para o Egypto: *Reversusq̄ est Joseph in Ægyptum, sepulto pa-*

pa-

patre. A terceyra excellencia das vossas exequias he, não apartar os olhos daquelle monumento, repetindo todos os annos esta obsequiosa piedade: este será o argumêto do terceyro discurso. Estas são as tres circumstâncias mais notaveis das exequias que celebrou Joseph; & estas as tres excellencias mais sublimes, que descubro nestas vossas exequias, nas quaes mostrarey com evidencia, que foys os verdadeyros amantes das bēditas Almas, & por conclusão, os verdadeyros irmãos, que nas angustias vos comprobaes: *Frater in angustijs, &c.*

I.

Gen. 49.
v. 29.

MORREO Jacob no Egypto, assi como avemos de morrer todos no mundo; & queira Deos, que acabemos todos no mūdo, assi como acabou Jacob no Egypto; porque este grande Patriarcha morreo entre os preverfos, sancto; & nós não sey se morreremos en-

tre tantas perversidades, justificados. Morreo Jacob, & ou fosse por não deyxar seu corpo sepultado entre aquelles barbaros Egypcios, ou fosse por outros grandes mysterios, deyxou por preceyto, & debayxo de juramento a Joseph seu filho, que levasse seu corpo á terra de Chanaan, aonde, depoyz de sepultado, lhe faria todas as honras posthumas. Assi o executou aquelle obediente filho. Porém quando eu presumia, q̄ nesta acção podia Joseph laurearse com o tymbre de unico na finesa; achey, que obrara Joseph, mais pela satisfação do preceyto, que pela razão de amãte: obrou Joseph mais pela satisfação do preceyto; porq̄ no preceyto de seu pay Jacob fundava piedade tanta: *Eo quod pater meus adjuraverit me;* & quem se governa pela direcção do preceyto, não pôde conformarse com as leys do amor; porque vay tanta differença de hum obrar a outro obrar, que hū traz a sua origē de hūa vontade presa, procedendo ou-

tro

tro de hũa vontade livre; aquelle he constringido, & este voluntario; aquelle he violento, & este natural; aquelle fatisfaz, & este merece; aquelle em fim he todo preceyto, & este todo amor.

Poys Joseph, se a execucao da tua piedade, foy mais fatisfacao daquelle preceyto, do que demonstracao do teu affecto: *Eò quod pater meus adjuraverit me*, pergunto; desta sorte pagas aquelle grande amor que deves a teu pay Jacob? desta maneira correspodes a tantas lagrymas, quantas, se admittir refrigerio, derramava considerandote alimento de hũa fera? Sim; & a razao he, porque estava Jacob defuncto; & pouco importaõ as antecedentes, amorosas correspondencias da vida, quando entre os homens se acabaõ todos os affectos na morte. Fingirão os Gregos, que as almas separadas dos corpos, antes q̄ chegassem aos campos Elyfios do descanso, passavaõ o Lethes profundo do esquecimeto. Não tendo na-

Gen. 37.
vers. 33.
34-35.

5
012

da de verdadeyra, tẽ muyto de doutrina vel esta sentença. Quizerão darnos a entender, que entre os amigos q̄ morrem, & os amigos que vivẽ, passa o rio do esquecimento; porq̄ no mesmo dia, em que a morte se para as vistas, tambem a ausencia desfata a uniaoõ do affecto: no mesmo dia, & no mesmo instante, em que no sepulchro se esconde aos olhos, espira na memoria a sua lembrança.

Querendo Jacob adorar a Deos em Bethel, pedio ás mulheres, & servos os idolos, que tinhaõ roubado a Labão, & sepultou-os no centro da terra; porque não era acerto pedir beneficios ao verdadeyro, & supremo Deos, conservando a occaziaõ idolatra de o offender:

Dederunt ergo ei omnes deos ab eis, quos habebant at v. 3. 4. ille infodit ea subter terebinthũ.

Não deixa de ser muito digno de reparo o modo com q̄ Jacob quiz tirar da lembrança da sua geraçao a idolatria! Pergunto: não era mais facil, & mais seguro reduzir a cinzas aquelles

B Deu-

Deuzes falsos? assi parece; poys porq̃ os não queima, & porq̃ razão os sepulta? S. Bruno: *Ut & mortui intelligantur*, para q̃ fossem entendidos por mortos. Olhay Catholicos: Quiz Jacob, q̃ espirasse de todo na sua familia a lembrança daquelles deuzes; se os queymàra, ainda lhes podiaõ conservar as cinzas; mas sepultados, & tidos por mortos: *Ut & mortui intelligantur*, não se podiaõ cõservar as suas memorias; porq̃ era o mesmo entregallos a hũ sepulchro, do q̃ riscallos de toda a lembrança: *Nam si mortui intelliguntur, memoria eorũ peribit.*

Castill. de
vejt. Aar.

2. Regum.
12. 16.

Esta devia ser a causa, por que Jacob deixou por preceito a Joseph as honras de seu corpo sepultado; porq̃ sendo Joseph humano, era o mesmo faltar em Jacob a presença, do q̃ espirar em Joseph a lembrança. Muito se affligia David em quanto o filho, q̃ tivera de Bersebeé, estava enfermo, mas tanto q̃ o sepultou, logo se suspenderão em David os sentimentos, logo não se virão lagrimas em seus olhos,

logo não se percebèraõ no seu coração angustias; mas q̃ muito, se já neste tẽpo tinha David trasladado o cadaver de seu filho do palacio para o sepulchro! Assi espirou o amor de David, & tambẽ desta maneyra avia de acabar o de Joseph para cõ Jacob, se o preceyto não adiãtara além da sua morte a sua lembrança: *Eò quod pater meus adjuraverit me.* Não forão logo as exequias que Joseph celebrou, credito do seu amor; & saõ estes vossos presentes suffragios, emblema do mais generoso affecto: as de Joseph, porq̃ as fazia em ordẽ ao preceito de Jacob, que o obrigava; os vossos, porq̃ os celebraes, sem aver preceyto algũ que vos violẽte.

Tanto q̃ os Gabaonitas (por beneplacito de David) crucificàraõ os filhos de Saul, logo Respha sua mãy, vestida de cilicio, caminhou para o lugar do tormento, aonde reclinada sobre hũa penha passou largos tẽpos guardãdo aquelles corpos defunctos; de dia, para q̃ não fossem alimẽto das

2. Reg. 21.
10.

S. Brun.
ap. Godo-
frid.

sepultura
q̃. equam

das rapinas aves; & denoite para q̄ não fossē pasto das vorazes feras: *Et n̄ n̄ dimisit aves lacerare eos per diē, neq̄ bestias per noctē.* Muyto encarece o nosso Lyra, & com elle o Abulēse, & Carthusiano o grande amor desta mulher; porém he digno de muito grãde reparo, não falar o sagrado Texto mais q̄ na acção de Respha, estãdo ella acõpanhada de muitos creados, & creadas, como advertte Caetano: *Ne sis ita rudis, ut intelligas mulierē nobilē solam māsisse ibi, custodiāque hāc exercuisse; sed famulas & famulos secū habuisse.* Já difficulto, se tãto os creados, como a senhora faziaõ aos corpos defunctos aquella obsequiosa demonstraçaõ, qual ferá o motivo porque a Escripura não refere mais q̄ o excesso do amor de Respha, deixãdo no profundo cahos do esquecimẽto, a affectuosa assistencia dos creados? Ora a meu ver esta parece ser a razão. Não se referẽ por amãtes os creados, nẽ delles faz mēçaõ o Sagrado Texto, porque era nelles preceito aquella de-

monstraçaõ piedosa; poys pela razão de creados de Respha, estavãdo obrigados a ser assistentes naquelle acto: acreditase sim o excesso desta matrona; porq̄ levada fõmẽte de hũa amorosa piedade, executava com seus filhos tanta misericordia. Mais evidente. Era em Respha o amor maternal, norte daquelle extremo; era nos creados a obrigaçaõ, estimulo dos obsequios: em Respha era o cuidado livre nos creados era a assistencia preceito. Ah-si; entreguese poys ao esquecimẽto a presença daquelles, & fique em perpetuos monumentos eternizado o amor de Respha; poys sem aver preceyto q̄ a constrangesse, se ostentou taõ affectuosa na assistencia de seus filhos defunctos: *Charitatis monumentū mortuis persolvebat.* Cõprobemos esta razão cõ outro semelhante successo.

Vendo a piedosa assistencia de Christo S. N. quãdo queria resuscitar a Lazaro, differão os Phariseos, admirados do seu affecto, (q̄ isso mostra a palavra *ecce*) q̄ era muito

Lyra.
Abul. &
Carth. a-
pud Sylv.
tom. 3. lib.
5. cap. 12.
Quest. 12

Caetan.
Syl. ubi
sup. q. 5.

Caetan.
Syl. ubi
sup. q. 5.

Sylv. ubi
sup.
Joann. 11
36.

muito grande o seu amor:
Ecce quomodo amabat eum.
 Pergunto ; não estavaõ na
 cõpanhia deste Senhor os
 seus Discipulos, també affe-
 ctuosos, como he de crer;
 poys tinha sido de todos a-
 quelle defuncto amigo: *La-
 sarus amicus noster?* Sim. Pois
 qual será a razão, porq̃ só a
 Christo S. N. concorrẽ na-
 quella hora os applausos
 de fino amante, sendo tan-
 tos naquelle piedoso acto
 os assistentes obsequiosos?
 E qual será també a causa
 porq̃ o Evangelista não fa-
 la na presente assistẽcia dos
 Discipulos, estando elles cõ
 Christo no mesmo acto as-
 sistentes? Ora são infinitas
 as razoẽs; porẽm, a meu ver
 he como reparou S. Augus-
 tinho, porq̃ veyo Christo S.
 N. àquelle acto livre, e não
 teve occasiaõ algũa que o
 obrigasse: *Non dixerunt ve-*
ni, amanti enim tantummodo
nunciandum fuit. E os Disci-
 pulos vieraõ obrigados, &
 muito constrangidos; poys
 não só hũa, mas duas vezes
 lhes poz por preceyto a-
 quella assistencia Christo:
Etamus in Judæam: eamus

S. Aug.
 tract. 49.
 in Joan.

Amicus
 non est
 amicus
 nisi
 amicus

Amicus
 non est
 amicus
 nisi
 amicus

Amicus
 non est
 amicus
 nisi
 amicus

ad eum. E como não mere-
 o titulo de amante, aquelle
 q̃ constrangido, se mostra
 obsequioso; mas aquelle q̃
 voluntariamẽte se manifes-
 ta fino, por isso não refere
 o Texto Sagrado a presente
 assistencia dos Discipulos,
 & menos se accreditaõ assi
 como Christo S. N. por ver-
 dadeyro amante se applau-
 de: *Ecce quomodo amabat eum.*

Pelos fins com que se o-
 braõ as finezas se conhece
 dessas finezas a singulari-
 dade; pelo intẽto com que
 os favores se executaõ se a-
 chryfola desses favores a es-
 timaçãõ. Era o cuydado de
 Respha dar cumprimento
 ao seu maternal affecto; era
 o fim dos creados satisfazer
 a sua obrigaçãõ: era o intẽ-
 to dos Discipolos executar
 o preceyto; era a direcçãõ
 do Mestre fazer ostentaçãõ
 de seu amor: todos assistiaõ
 cõ o mesmo obsequio, mas
 com diferente animo. Di-
 mesma forte Catholicos,
 quem reparar nas exequias
 de Joseph, & nas vossas exe-
 quias, não ha de achar dif-
 ferença entre a vossa, & a sua
 piedade, porq̃ ha de presu-
 mir,

... e assi como as vossas, erão as de Joseph ordenadas pelos dictames de seu amor: porém se puzer os olhos na origẽ de hũs, & outros obsequios; se pôderar no motivo dos suffragios de Joseph, & dos vossos suffragios, ha de notar em hũ, & outro acto muita distancia; ha de ver q̃ era estímulo da vôtade de Joseph o preceito de Jacob, & que he sómente direcção da vossa o vosso affecto; ha de cõcluir q̃ obraes amando, & elle satisfazendo: pela qual razão vos podeis intitular nesta hora, não só amâtes verdadeiros, mas affectuosos irmãos das bẽditas Almas; q̃ se he sómẽte digno deste amoroso nome, quẽ foccorre a seu irmão nas suas tribulações, hoje q̃ entre tantas angustias as foccorreis, he certo que verdadeiros irmãos vos acreditaes: *Frater in angustijs, &c.*

Esta he a excellencia das vossas exequias, & esta a circumstãcia das exequias de Joseph; Joseph obedecẽdo, & vos amando; Joseph piedoso pela obrigaçãõ do

preceito, & vós obsequiosos pela fatisfação do vosso amor. Mas porq̃ não pareça q̃ venho nesta hora cẽsurar a obediência de Joseph, por acreditar o vosso amor nas circumstancias desta vossa piedade, digo, q̃ suposto Joseph não obraffe livre, em ordẽ ao preceito de Jacob, q̃ tambẽ obrou amado, obedecendo; & senãõ vede as Escripturas, & logo a razão.

Predizẽdo aquelle grande suffragio, cõ q̃ Christo S. N. na Cruz remiu do captiveyro da culpa as Almas dos vivos, & dos horrores do Limbo as almas dos Patriarchas defunctos, diz o Propheta Isaias, q̃ voluntariamente se offerecera este Senhor ás penas: *Oblatus est* Philip. 2. *quia i se vo'uit.* E diz S. Paulo, q̃ obedecẽdo a seu Eterno Pay morrera na Cruz: *Factus obediens usq̃ ad mortẽ* Bon. in *E de hũa, & de outra maneira em sinal de hũ grande amor, como diz S. Boavẽtura meu Padre: In signũ dilectionis.* Notavel differença; se o Senhor morreu na Cruz por fatisfazer a obediencia do Padre Eterno; *Factus obediens,*

Isai. 53. v. 7.

Philip. 2. 8.

Bon. in sua Glos. tom. 3. in

Isai. c. 11. 53. n. 695.

74
012

bediens, como diz Ifaias que voluntariamēte se offerecera o mesmo Senhor à morte: *Quia ipse voluit*? Mais, q̄ o Senhor mostrasse aos homens a grãdeza de seu amor, quando se offerecia livremente às penas, está muito bem; porq̄ na vontade livre cõ q̄ se obra, se examinaõ os affectos cõ q̄ se ama; mas q̄ fatisfazêdo ao preceyto do Padre, fora tambẽ nesta acção amante dos homẽs: *In signum dilectionis?* nisto he q̄ consiste a força da difficuldade. Mas se repararmos miudamente nas circũstancias da morte de Christo S. N. avemos de ver, q̄ não ha entre estes dous textos cõtrariẽdade algũa; porq̄ se Christo S. N. morreu obedecẽdo, tambẽ morreu por sua võtade: por sua võtade, porq̄ toda a sua gloria, era dar a vida na Cruz pelos homẽs: *Gloriam meã alteri non dabo*. Obedecẽdo, porq̄ assi o determinava o Padre Eterno: *Non mea volũtas, sed tua fiat*. E de hũa, & outra maneyra mostrou, assi aos defũctos do Limbo, como aos vivos do mũdo a gran-

*Isai. 42.
v. 8.
Luc. 22.
v. 42.*

deza de seu amor: *Signũ dilectionis*. Mostrou a grãdeza de seu amor, obrando livre: *Quia ipse voluit*. Mostrou tambẽ a grandeza de seu amor obrando obedecẽdo: *Factus obediens*. E a razão desta differença he, porq̄ o beneficio, qual foy o de redẽpção do mũdo, não tẽ a sua excellẽcia na origẽ, & motivo porq̄ se executa, senão na acção benevola com q̄ se executa:

Beneficiũ est benevola actio. S. Aug.

Se a fineza da morte de *diffin.*

Christo se ouvesse de regular pelos motivos, achariamos a este Senhor na sua Payxão em parte amãte, & em parte obediẽte; amante dos homẽs porque padecia pelos mesmos homẽs; obediẽte a seu Eterno Pay, porque o mandava resgatar o mundo. Mas se o beneficio da redẽpção se tomar pela acção benevola, cõ q̄ Christo remiu o mundo, acharemos sẽpre na Cruz a Christo amãte; porq̄ ou obediẽte, ou voluntario, sempre avemos de achar a Christo na Cruz benevolẽte: *Tantã benevolentiam exhibuit nobis Filius Dei, quod etiam supereminet*

Alb. M.

tom. 12.

Ser. Dom.

2. post.

epiph.

minet

minet humanae scientiae.

Da mesma sorte, se tomarmos as exequias de Joseph, & as vossas exequias; os suffragios de Joseph, & os vossos suffragios pela origẽ, ou pelos motivos, como eu até agora os tomei, não ha duvida q̃ avemos de achar, fóra Joseph semente executor do preceito de Jacob, & q̃ sois vós amãtes verdadeiros das Almas de vossos irmãos defunctos; porq̃ Joseph obrava em ordem à obrigação do preceito, & vós pelos impulsos do vosso amor. Mas se tomarmos hũas, & outras exequias, ou hum, & outro beneficio pela acção benevola, cõ q̃ Joseph celebrou as de Jacob, & vós as das bẽditas Almas de vossos irmãos; quẽ duvida, q̃ ainda q̃ obediente, avemos de achar a Joseph, assi como a vós, amãte? & se não vede a Luz, reparay na Lua pôderay as fontes, consideray as plantas, & vereis a verdade desta minha razão. Por vêtura estimamos o beneficio da luz, porq̃ tenha na Aurora a sua origẽ; não, mas porq̃ nos alumia. Por vêtura es-

timamos o beneficio do repledor da Lua, porq̃ tenha no Sol o seu nascimento? não, mas porq̃ nos dá claridade. Por vêtura estimamos o beneficio da fonte, porq̃ do mar procedão as suas agoas? não, mas porq̃ nos alenta cõ seu crystalino prãto. Por vêtura, finalmẽte, estimamos os fructos, & os ambares, q̃ liberalmẽte ofertão as plantas, & suavemẽte exhalaõ as flores, porque o Sol, a Terra, a Agoa os prodús, cria, & fazõna? não, mas porq̃ nos lizõgeão o gosto, & suavizão o olfacto. Da mesma sorte a vemos de tomar o beneficio das exequias de Joseph, & o beneficio das vossas exequias, não pela origẽ, mas pela acção; não ponderãdo a liberdade com q̃ obraes, & a obediência cõ q̃ Joseph obrava, mas sim pela acção benevola cõ q̃ Joseph celebrou as de Jacob, & vós as das Almas de vossos irmãos defunctos; & pôderãdo desta maneira os suffragios de Joseph, & os vossos suffragios, o beneficio de Joseph, & o vosso beneficio; quẽ duvida,

da, q̄ assi como à vos, ave-
mos de admirar a Joseph a-
mãte, porq̄ avemos de ver,
assi como a vos, a Joseph
benevolente.

Mas oh Catholicos! Oh
Joseph! Oh Catholicos a-
mãtes das bemditas Almas!
Oh Joseph obediẽte ao pre-
ceito de Jacob! Tu Joseph
cõ a obediẽcia mereceste o
trofeo de amante: vós Ca-
tholicos com o vosso amor
acquiriteis o tymbre de be-
nevolẽtes. Joseph obedecẽ-
do, & por isso amãdo; vós a-
mãdo, & por isso soccorrẽ-
do. Joseph na obediẽcia fez
demonstração do affecto, &
vós a impulsos do vosso af-
fecto fazeis ostentação da
vossa piedade; por isso soys
amãte, & cõ muita razão ir-
mãos verdadeiros das bem-
ditas Almas; poys ao passo
das suas angustias se admira
em vós piedade tanta. *Fra-
ter in angustijs comprobatur.*

II.

A Segunda e rcũstancia
das exequias que cele-
brou Joseph, foraõ as vehe-
mentes lagrymas, cõ q̄ cho-
rou a seu pay defuncto: cele-

*brãtes exequias planctu ma-
no atq̄ vehemẽti.* A segunda
excellencia das vossas exe-
quias he não ter nellas lugar
o prãto, & isto por duas ra-
zoës. He a primeira, porq̄ o
prãto, como disse S. Ambro-
lio suaviza a dor, porq̄ he re-
frigerio do peito, & cõsola-
ção do triste affecto: *Fietus
refrigerant pectus, & maestũ
solatur affectũ.* Tãto q̄ falta
este medicamento, logo se
aggrava a pena, & he conse-
quẽcia certa de ser mais ac-
tivo o sentimento, quãdo se
represa no coração a magoa
Digao Jacob, q̄ sendo taõ a-
mante de Rachel, nẽ hũa só
lagryma chorou nas suas e-
xequias. Semelhante acção,
quiz Deos q̄ obrasse o Pro-
pheta Ezechiel, mãdando-
lhe q̄ não chorasse a sua mu-
lher defuncta: *Non plerabis;* q̄
como era a couza a seus o-
lhos mais agradavel, como
o mesmo Deos lhe dizia;
Desiderabile oculorũ tuorum;
fora grãde desdouro de seu
amor aliviar a sua magoa cõ
o desafogo do pranto: *Non
plerabis.* Da mesma sorte,
quando Joseph se mostra
mais lagrymoso, entãto se

S. Amb.
tom. 5. de
obit. va-
lent.

Lagrymas
Angustias
pule

Gen. 2
v. 19

Ezech.
2. v. 16

manifesta menos amãte; & vos catholicos vos acreditaes mais excessivos, quando em vós não vemos signal de prãto, pois dais a entender que he mayor q̃ o de Ioseph o vosso sentimento: & se pela grandesa deste se mede a extençaõ do amor: *Quo quis plus patitur, eo plus diligit*: ahi vos admiramos mais amantes, pois cõ a falta das lagrymas, vos conhecemos mais sentidos. Esta he a primeira razão.

Caſar.

A segunda, & fundamental razaõ deste discurso, por que são improprias as lagrymas de Ioseph nas exequias de Iacob, he por não servirẽ a seu pay de proveyto algũ, & por esta razão forão superfluas. Não são Catholicos necessarias as lagrymas, para me acreditar amante nas memorias de meu amigo defũcto; porq̃ não consiste a fineza em q̃ eu o chore, mas sim em q̃ eu o remedeé; não cõsiste no pranto, mas sim no suffragio: Plutarco o disse, sendo hũ gentio: *Eum au em qui vitant cõ morte cõmuntã i diligere atq̃ amare nõ in eo est quod doleas,*

...ipist.
onſel. ad
polon.

ſed in eo quod di'ectum iu ves.

Não se acredita amãte que chora, mas sim quem remedeia. Olhay Catholicos, tres generos ha de suffragios; o primeyro he o Sacrificio da Missa, o segundo a Oraçaõ, o terceyro as obras satisfatorias, como esmolas, jejũs, & neste genero se cõprehendem as indulgencias, q̃ não são outra couza mais q̃ hũas applicações de satisfações feytas aos defunctos, & as lagrymas não são suffragio (falo naquellas q̃ não são acompanhadas de qualquer das referidas obras satisfatorias) & tanto o não são, que mandou Christo S. N. á Veuva de Nain q̃ suspendesse o pranto na morte de seu unico filho defuncto: *Noli flere*; dandonos a entender, como diz Cassiano, q̃ só para chorar os nossos peccados avemos de soltar os registros a nosso pranto: *Nihil plangendum ab hominibus, quam peccatum*. Poys se as lagrymas de Ioseph não serviaõ de proveyto a seu pay Iacob, porque não eraõ suffragio as suas lagrymas, certo q̃ só vós vos ac-

Luc. 7. v.
13.
Cassian.
lib. 5. cap.
13.

C credi-

creditaes amâtes; porq̃ vós
sem lagrymas, dais alivio às
Almas de vossos irmãos ne-
ste presente suffragio, & Io-
seph não dava remedio a
Iacôb, q̃ estava no Limbo,
cõ os prantos das suas exe-
quias.

No Calvario foy Chris-
to S. N. canonifado verda-
deyro amâte do genero hu-
mano, & he de advertir, se-
gundo a narração Evange-
lica, que não chorou hũa só
lagryma, & chorando fãtas
prevendo a destruição de
Ierusalem, não foy por a-
mante desta Cidade conhe-
cido: & a razão desta diffe-
rença he, porq̃ no Calvario
eraõ as obras deste Senhor
suffragio, não só para as Al-
mas dos vivos, mas para as
Almas dos defunctos q̃ es-
tavaõ no Limbo, como dif-
fe Zacharias, & assi o entẽ-
de S. Augustinho; & quan-
do ponderava a miseria de
Ierusalem, via a ruina das
Almas, mas não lhe appli-
cava o remedio, como no-
tou Ruperto: *Videns civita-
tem Ierusalem fleuit super il-
lam, & tamen non liberavit
eam.* Ah sim, poys não cho-

Luc. 19.
v. 41.

Zach. 9.
v. 11.

S. Aug.
lib. 12. in
Gen. c. 33.

Rupert.
apud Syl.

re Christo no Calvario.
mostre sim o pranto vendo
a Ierusalem; appareçaõ aqui
as lagrymas, aonde se não
applica o remedio; não se
veja no Calvario o choro,
poys nelle assiste o suffra-
gio: em fim seja Christo na
Cruz por amâte fino cano-
nizado, & não seja vendo a
Ierusalem por extremo so-
encarecido; conheça se affe-
tuofo aonde despresa o
pranto acudindo cõ o suf-
fragio, não seja tido por a-
mante aonde chora, não
applicando o remedio.

Mas já vejo que todos vós
me vindes arguindo cõ hũ
texto de S. Paulo, o qual *Hebr*
diz q̃ chorara o nosso Re-
demptor na Cruz: *Cum cla-
more valido & lacrymis.*
Poys se o Senhor chorou,
como se pôde dizer, q̃ não
se virão lagrymas em seus
olhos? Ora eu dou a razão,
& mostro a verdade, assi dos
Evâgelistas sagrados, como
do Doutor das gentes Digo
poys seguindo aos Evâge-
listas Sagrados q̃ não cho-
rou o Senhor na Cruz, &
digo cõ S. Paulo q̃ chorou
na Cruz o nosso Salvador:

&

5.
11
2.

& como se póde desfazer esta cõtradiçãõ de chorar, ou não chorar? Desta sorte, cõprobandõ juntamẽte o q̃ tenho dito. Estava Christo N. Redẽptor no Calvario entre dous ladroẽs ; entre o bõ, q̃ figurava aquelles q̃ se aviaõ de salvar pelo fangue de Christo; & o máo , q̃ era emblema daquelles, q̃ mais se aviaõ de condenar pelo mesmo fangue; & por esta razãõ he q̃ o Senhor chorou & não chorou : não chorou em ordem aos q̃ diziaõ refpeyto ao bõ Ladrão , porq̃ lhe servia de suffragio o seu precioso fangue: chorou em ordem aos q̃ diziaõ relação ao máo , porq̃ não lhe avia de servir do remedio a sua morte. Sylveyra : *Et quæ*

ylu.tom.
5.lib.8.c.
16. Quest
2.n.14.

magis deplorata miseria, quod
quando sanguis Jesu charita-
tis fervore profundebatur, &
salus tunc aperiabatur, &
homo erat in portu salutis, ibi
naufregaret, cum sociis suis
ibi salutẽ & vitam inveniret.
 Diga poys S. Paulo, q̃ chorara Christo , & não falẽ os Evangelistas nas lagrymas do noõo Salvador , porque elle chorou, & não chorou;

chorou em ordẽ áquelles, a quem não avia de servir de remedio o seu precioso sãgue, & não chorou em ordẽ áquelles, a quẽ o mesmo seu precioso fangue avia de servir de suffragio: chorou, por que a falta de remedio he despertadora do prãto; não chorou, porq̃ aonde assiste o suffragio não tẽ lugar o sentimento ; & esta he a razãõ porq̃ se accreditou amante na Cruz o nosso Redẽptor, poys não tratava de lagrymas quando applicava o remedio.

S. Bonav.
ut sup.

Chorẽ as filhas de Israel todos os annos nas exequias da filha de Jephthe, chore David a Saul nos seus funeraes, derrame copiosas lagrymas Jeremias, & o povo de Jerusalẽ , nas memorias do Rey Jozias , & finalmente chore Joseph nas exequias de Jacob seu pay : porẽm não se diga, q̃ forão amantes estes, diga sa fim, q̃ chorarão as filhas de Israel a filha de Jephthe por costume: *Et cõsuetudo servata est in Israel.* Cõdere se q̃ era em David o prãto razãõ de estado, poys era Saul seu inimigo. Digase q̃

Judicã
11.v.33.
34.
2.Reg. 1.
v.17.28.
2.Paralip
35.v.24.

eraõ

eraõ as lagrymas em Jere-
mias, & no povo ley: *Et lex*
ob' inuit in Israel. E finalmẽ-
te se advirta, q̃ supposto fos-
se grãde o prãto de Joseph:
P'hanctu magno, q̃ não ficou
por elle accreditado aman-
te de Jacob; porq̃ as lagry-
mas não daõ alivio, só he re-
medio o suffragio, & este só
tẽ o seu acento, aonde tem
o amor o seu throno.

Mãdava Deos, q̃ quando
entrasse Aaraõ no sanctua-
Exod. 28.
v. 29. rio, levasse sobre o peyto no
Racional os nomes dos fi-
lhos de Israel defunctos, para
Exod. 37.
v. 38. eterna recordação: *Memoriale*
corã Domino in eternũ.

Caetan.
ap. Castil. Estamos na difficuldade.
Pergũto; se Deos queria q̃ se
lẽbrasse Aaraõ daquelles fi-
lhos de Israel defunctos, não
era mais proprio trazer es-
culpidos aquelles nomes,
na lamina de ouro q̃ levava
sobre os olhos, do q̃ no pey-
to? não. Vede: esta recorda-
ção como diz Caetano, era
hũa memoria do suffragio,
q̃ este grãde Sacerdote avia
de fazer por todo aquelle
povo defuncto: *Ad memoria*
suffragij prestãdi à Pontifice
universo p'pulo. E como os

olhos sejaõ o lugar das la-
grymas, & o coraçãõ seja o
acêto do amor, só no peyto,
q̃ he o lugar do coraçãõ, cõ-
vinha q̃ andasse a memoria
daquelle suffragio, & não
nos olhos: não cõvinha que
andasse nos olhos, porq̃ não
era bẽ q̃ no lugar das lagry-
mas q̃ não daõ alivio, andas-
se o suffragio, q̃ he o mesmo
remedio; cõvinha sim q̃ an-
dasse no peyto, porq̃ aonde
assiste o amor q̃ dá o reme-
dio, era bẽ q̃ andasse o refu-
gio: as lagrymas saõ signifi-
cadoras do sentimento, mas
o amor he o executor do a-
livio; & como he sómẽte o
amor o q̃ remedeia, sendo o
suffragio remedio, forçosa-
mẽte avia de andar naquel-
la parte aonde estivesse o a-
mor. Digo logo bẽ, q̃ só vós
nestes suffragios vos accre-
ditaes amantes de vossos ir-
mãos defunctos, & juntamẽ-
te verdadeyros irmãos de
suas bẽditas Almas; amantes
porq̃ lhe dais o remedio nas
mayores necessidades; ir-
mãos, porq̃ lhe dais o alivio
nas mayores angustias: *Frater*
in angustijs comprobatur.

Mas já envestigando mais

os motivos do prãto de Joseph; quẽ me diz amĩ, q̃ não chorara este Patriarcha pela mesma razão de ter chorado? Mais evidẽte. Quẽ me diz a mĩ, q̃ não derramara naquella occasiaõ Joseph copiofas lagrimas, pela mesma razão de não servir de remedio o pranto? Chorou Joseph, tanto q̃ espirou Jacob, mas cõ brãdura: *Flens*. Chorou tambẽ Joseph nas suas exequias, mas cõ vehemẽcia: *Plãctu magno atq̃, vehementi*. Na primeyra occasiaõ foy o prãto do Joseph, annuncio da sua piedade, & na segũda, emblema da sua desconfolaçãõ. Foy na primeyra occasiaõ annũcio da sua piedade, vendo cadaver o corpo daquelle pay amãte, q̃ lhe tinha dado o ser; & como nesta occasiaõ não servirão a Jacob de remedio as suas lagrymas, por isso na segunda chegarão a tanto augmento: *Planctu magno*. E se não vede.

Gen 7.
34. Duas vezes distinctas falla o Sagrado Texto no prãto de Jacob, quãdo cõsiderava a Joseph defuncto; na primeyra diz q̃ foraõ gran-

des as suas lagrymas na extençaõ do tẽpo: *Multo tempore*; mas na segunda mostra q̃ foraõ mayores na perpetuidade, & perseverança do choro: *Et illo perseverante infletu*. Na primeyra dá a entẽder, q̃ tiverão fim, porque todo o tẽpo admite termo: *Multo tẽpore*; & na segunda, depõys q̃ os filhos o quizerão divertir daquella magoa, mostrava q̃ não aviaõ de ter limite: *Et illo perseverante*. Notavel, & nunca visto sentimento! Pareceme a mĩ, q̃ na primeyra occasiaõ avia de encarecer o Sagrado Texto, cõ a perseverança das suas lagrymas, o sentimento de Jacob, & naõ na segunda occasiaõ, porq̃ como as lagrymas deminuaõ a grãdes da dor: *Magnitudinẽ doloris minuunt*; era bastante causa para q̃ tivesse alivio na segũda occasiaõ, o prãto da occasiaõ primeyra, poys logo qual será a razão de ser mayor o segundo q̃ o primeyro sentimento de Jacob? Ora a razão se colhe cõ evidẽcia do mesmo Texto, & he, porq̃ as primeyras lagrymas eraõ nascidas do amor

amor, & piedade de Jacob, & não tinham outro objecto mais que o mesmo filho Ioseph: *Lugens filiū suum*; & as segundas tinhaõ por causa da sua perseverança o não servir a Ioseph de remedio o primeiro prato, & senão vede. Quando Jacob chorou segunda vez a Ioseph consideravao no Limbo cõ a propriedade de inferno, não em quanto á pena q̄ tem os damnados, mas em ordem a não ter remedio a sua magoa se se remir o mundo: *Descendã ad filiū meū lugens in infernū*. E como esta propriedade do Limbo não admittia por entãõ remedio algũ, por isso he q̄ foraõ mayores as lagrimas de Jacob na segunda, do que na primeyra occaziaõ; porq̄ na primeyra, como nasciaõ da sua piedade, hiaõ encaminhadas a dar alivio a seu filho: *Descendã ad filium meū lugens*; mas como encontrava logo a difficuldade de não poderẽ servir de remedio: *in infernū*; por isso he q̄ perpetuizava o pranto: *Et illo perseverante in fletu*.

Da mesma sorte isto q̄ succedeo de Jacob para cõ Ioseph,

na sua estimação de fũcto; succedeo de Ioseph para cõ Jacob, em sua presença sepultado. Jacob augmentou cõ a perseverança o choro: *Et illo perseverante in fletu*, por não servirẽ a Ioseph de alivio as suas lagrimas: *Lugens in infernum*. Ioseph augmentou cõ vehemência o pranto: *Planctu ma no atq̄; vehementi*, por não servir a Jacob de remedio o choro. *Flēs*. Ambas estas acçoẽs; assi a de Ioseph, como a de Jacob tiverãõ singular correspondencia, & foraõ ambas semelhantes a hũa, q̄ deixou por exẽplo à posteridade o Philosopho Bias: tendo este condẽnado, por graves crimes, a hũ seu amigo à morte, comessou a derramar copiosas lagrimas; & sendo pergũtado porq̄ causa chorava tanto, podendo elle mesmo darlhe a vida? Respondeo q̄ não lhe achava refugio, porã assi a ley o determinava, & nesta resposta tacitamente declarou, q̄ era motivo daquelle copioso pranto, a vehemencia do desejo na falta do remedio.

Chore Ioseph, mas advirta

que são as suas lagrymas, como aquellas q̄ Anna mãy de Tobias derramava, q̄ como não serviaõ de proveito ao filho q̄ cõsiderava defuncto, por isso se intitulaõ lagrymas sem remedio: *Irremediabilibus lachrymis*. Não appareçaõ lagrymas nestas vossas exequias, só o suffragio tenha nellas estimaçaõ, porque só este vos accredita amantes: não teve semelhante credito Joseph, porq̄ cõ as lagrymas mostrava a pena do pay, & não lhe servia de remedio o pranto; mostrava, digo, a pena do pay, porq̄ ainda q̄ era sancto Jacob, sem seremir o mundo, não podia entrar na gloria, estava no Limbo, exaqui a magoa q̄ não remediava o pranto: não assi esta vossa presete açãõ, porq̄ se neste funebre apparato nos dais a entender as tribulaçoẽs q̄ as Almas de vossos irmãos padecẽ, tambẽ vemos q̄ lhe dais universal alivio com o suffragio.

São estas vossas exequias semelhantes ás exequias de Joseph na representaçãõ das penas, ambas são espelhos

em q̄ vemos muitas magoas representadas, porẽm com hũa differença muito grande, porq̄ as vossas são como o espelho de hũa fonte, & as de Joseph como o espelho de vidro: o espelho de vidro retrata a nodoa, mas não lhe applica o remedio; o espelho da fonte representa a mancha, & juntamente offerta as agoas, cõ q̄ se lave essa mancha. Da mesma forte, o pranto em Joseph era espelho de vidro, q̄ retratava a magoa de Jacob no Libro, mas não tinha virtude para darlhe o refrigerio; & são estes vossos suffragios como o espelho de hũa fonte, poys he nelles successivo à representaçãõ o remedio. Esta he a razão porq̄ sois amantes, & juntamẽte verdadeyros irmãos das benditas Almas porq̄ se a verdadeyra fraternidade consiste em hũ abrazado affecto, q̄ mais fino amor? Se a verdadeyra fraternidade cõsiste em hũa lembrança, q̄ mayor memoria? E finalmẽte, se a verdadeira fraternidade (como diz Salamão) entre as mayores tribulaçoẽs permanece,

ce, vós q̄ nestes suffragios q̄
fazeis, vos mostraes tão af-
fectuosos, quando conside-
raes a vossos irmãos tão an-
gustiados, he certo q̄ irmãos
verdadeyros vos compro-
baes: *Frater in angustijs, &c.*

III.

A Terceyra, & ultima
circunstancia da acção
de Joseph, foy a volta para
o Egipto deyxando entre-
gue o cadaver de Jacob aos
horrores daquelle sepul-
chro: *Reversusq̄ est Joseph in
Egyptum sepulto patre.* Ne-
cessario era este retiro de Jo-
seph em ordẽ ao seu cõmo-
do, porq̄ tinha no Egipto a
sua familia: porém tomãdo
esta acção como de hũ ho-
mẽ, & não como de Joseph
Patriarcha sancto, & vendo
tambẽ moralmente este suc-
cesso, digo q̄ nunca se mos-
trou menos compassivo Jo-
seph, do q̄ nesta occasiãõ,
porque era o mesmo tirar os
olhos daquelle monumẽto,
do q̄ desterrar do seu peyto
toda a piedade; era o mes-
mo apartar as vistas daquel-
le sepulchro, do q̄ acabar a
lembrança de seu pay na
sua memoria.

*Gen. ut
sep.*

Muyto entendido andou
Jacob em declarar no epi-
tafio que poz no tumulo de
Rachel, q̄ não passava a sua
memoria do dia das suas e-
xequias: *Hic est titulus mo-
numenti Rachel usq̄ in præ-
sentem diem.* Este he o titulo *Gen. 21^o
v. 19.* da lembrança de Rachel até
este presente dia. Notavel
dizer! Aonde está Jacob a-
quelle abrazado affecto, cõ
q̄ a Rachel amavas? Se com
tantos excessos a pertẽdias,
como agora cõ tanta pressa
ariscas da tua lembrança?
Não ha de passar deste pre-
sente dia a sua memoria?
Não (parece q̄ responde Ja-
cob) porq̄ me auzento; & o
mesmo he tirar neste dia as
vistas do seu sepulchro, do
q̄ riscalla no mesmo dia da
minha lẽbrança! *Usq̄ in præ-
sentem diem.* Semelhante epi-
tafio podia Joseph lavrar no
monumento de Jacob; & se
não vede se repetio mais na
sua vida as suas exequias?
não; poys de que procedia
tanto esquecimento, senão
de apartar as vistas do seu
sepulchro?

Diz S. Chrysofomo, que *Chryf.*
são os olhos do homẽ como *how*
o Sol

Se se extinguija este planeta, todas as cousas perecerão: da mesma sorte faltando as vistas, todas as obras de piedade faltão. Não ha misericordia sem objecto lastimoso; cõmove-se o cõpassivo nas misérias q̄ á vista lhe representa, & por isso quanto mayores são as necessidades q̄ vemos, tanto he mayor a cõpayxão q̄ em nós sentimos: & a razão se duvida he, porq̄ os olhos entre todos os sentidos estão mais vezinhos à alma:

Anton. *Si (idest oculi) inter omnes*
Dom. *sensus viciniore sunt animæ;*
Trinit. & como na alma tẽ a nossa vontade, & nella a nossa cõmiseração acento, por isso tanto q̄ pomos aos olhos algũa miséria, logo della tem noticia a nossa cõpayxão. Não pedia outro remedio Jerusalẽ angustiada, aos q̄ passavão pelo caminho da vida: *O vos omnis qui transitis per viã, senão q̄ pusestem os olhos na sua desgraça: Attendite & videte.* Sabia muyto bem q̄ era o mesmo examinar a vista a sua miséria, do q̄ logo experimentar nos homẽs os mayores ob-

sequios da piedade. Da mesma forte as bẽditas Almas, quãtos refugios recebe, nascẽ de estendermos os olhos polos seus tormentos.

Mas de q̄ maneyra (me dizeis) podem os homẽs pôr os olhos nas suas afflicções, não sendo visto de algum o lugar, aonde padecẽ angustias tantas? Desta forte: pôde os olhos naquella funebre esqueleto, reparay na actividade do fogo q̄ está cõsumindo aquella cera, fazey reflexão nas misérias, & tribulações q̄ David, & Job no officio q̄ ouvistes representaraõ, & eu vos prometto, q̄ logo discorraes cõ os olhos da consideraçoõ pelos horrores do lugar, pela actividade do tormento, & finalmente pelo lastimoso dos gemidos. Ora já q̄ faley nas suas penas, quero mais declararallas, porq̄ mais se cõmovão as vossas vistas.

Temos de Fé que ha hũ terceyro lugar, em q̄ se purificão as Almas, q̄ não he Ceo, nem Inferno. A este poz o discurso de muytos na Esfera do fogo; outros entẽdẽraõ que estava no ar,

*Omnes
ap. causi.*

*Bon. in
sua Glos.
1077. 4.*

*Psal. 106
v. 10.*

*Bon. in
sua glos.
tom. 2. ib.
n. 10.*

*psal. 106
v. 10.*

cutros em outras partes de-
ste mundo elemental. Des-
tas referidas opinioes foraõ
S. Gregorio Magno, S. Joãõ
Chrysofostomo, & S. Grego-
rio Nifeno; porẽm o mais
seguido sentir dos Theolo-
gos he estar o Purgatorio
em hum lugar subterraneo:
esta he a mais provavel
doutrina, & nella aeenta S.
Boa-Ventura meu Padre.
Saõ duas as penas q̃ padecẽ,
hũa do danno, outra do sã-
tido; padecẽ a pena do dan-
no na suspensãõ da fruiçãõ
de Deos, padecem a pena
do sentido na violencia do
fogo que as atormenta. Mas
ainda não declaro bem as
suas miserias. Ouvi a Da-
vid, que descrevendo as pe-
nas das bẽditas Almas (co-
mo entende S. Boaventura
meu Padre no sentido my-
stico) diz desta maneyra:
*Sedentes in tenebris, & umbra
mortis: vinctos in mendicitate
& ferro.* Considera o Profe-
ta Rey as Almas em quatro
tormentos, em prisoẽs, em
trevas, em pobreza, & em
ferro. Considera David as
Almas em prisoẽs: *Vinctos,*
por quatro causas, como

diz o referido Sancto; a pri-
meyra, porq̃ as prisoẽs ti-
raõ a facultade de obrar:
*Auferunt facultatem operan-
di.* A segunda, porq̃ tirãõ a
liberdade de andar: *Liber-
tatemambu'andi.* A tercey-
ra, porq̃ tirãõ o poder de o-
brar livremente: *Potestatem
liberè agendi.* A quarta final-
mente, porque introduzem
a necessidade de tolerar: *In-
ferunt necessitatem tolerandi.*
Assi as Almas do Purgato-
rio tem impossibilidade de
merecer, tem hum jugo, de
que per-si não podẽ fahir;
tem hũa divida, que per si
não podem satisfazer; tem
finalmente hum incendio,
que não podem tolerar.

Considera tambem o Pro-
feta as Almas em trevas: *In
tenebris,* porque estas impe-
dem a operaçãõ: *Impediunt
operationem.* Tambem as
considera em pobreza: *In
mendicitate,* porque esta não
dã lugar ao resgate: *Mendi-
citas s'lutinem.* Finalmente
considera em ferro as Al-
mas: *Et ferro;* porque este
he o instrumẽto da sua ma-
yor afflicçãõ: *Et ferrum in-
ducit afflictionem.* Mas qual
será

será este ferro q̄ está conti-
nuamente affligindo as bẽ-
ditas Almas? Quem duvida
q̄ he a penna do danno? To-
dos os tormentos referidos
dizem respeyto a pena do
sentido, & sendo cada hum
delles intoleravel, não tem
comparaçãõ com a pena, de
que he instrumẽto o ferro,
ou o danno; porq̄ todos a-
quelles tórmentos não ma-
goão tanto as bemditas Al-
mas, como o considerar na
Divina visaõ, de q̄ estão sus-
pensas. He Deos o seu prin-
cipio, a quem desejaõ nãtu-
ralmente unir-se, & quanto
mais se lhe dilata o logro
deste desejo, mais se lhe a-
pura o tormento daquella
suspensãõ: *Sperant animæ in*

*Zol. in gaudij plenitudinẽ, sed illius
Jacob. c. 4 gaudij recordatio graviolem
9.8. eis istius pœna sensum efficit.*

Estas saõ as penas q̄ pade-
cem as bemditas Almas, &
estas as miserias em q̄ deve-
mos pór os olhos, como el-
las nos pedem pela voz da
filha de Siao, no sentir de S.
Boaventura meu Padre: O
vos omnes, qui transitis per
viam, attendite, & videte, si

*S. in
ff.
m. 3.
Ehren. I.*

est dolor, sicut dolor meus. Oh
vós todos, os q̄ passaes pelo
caminho da vida, attendey,
& vede se ha dor, como a
minha dor. Naõ só nos pe-
dem as Almas bemditas, q̄
vejamos: *Videte*; mas que at-
tendamos: *Attendite*, porq̄ o
ver póde ser de passagem,
& o attender he ver com re-
paro, & consideraçãõ. Re-
paremos pois ô Catholicos
nos tormentos q̄ padecem,
consideremos nas angustias
q̄ passãõ suspensas da Divi-
na Visaõ: se as queremos fa-
vorecer, não tiremos os o-
lhos das suas magoas; não
apartemos as vistas das suas
afflicçoẽs, se queremos cõ
o suffragio applicarlhe o
remedio.

He muyto digno de re-
paro, que não só mandava
Deos a Araõ (como já dif-
se) q̄ trouxesse sobre o pey-
to no Racional os nomes
dos filhos de Israel defunc-
tos, mas tambem nos hom-
bros: *Portabit q̄ Aaron nomi-
na eorum ceram Domino su-
per utrumq̄ humerum ob re-
cordationem.* Notavel a l-
vertencia! Os nomes q̄ esta-
vaõ dibuxados no Racio-

*Exod. 28
v. 9. &
12.*

nal q̄ trazia no peyto, não
 erão os mesmos q̄ andavaõ
 esculpidos nas pedras que
 trazia nos hombros? Poys q̄
 mysterio tem esta multipli-
 cação de nomes? Se era o
 seu motivo a memoria do
 suffragio, como se colhe do
 mesmo Texto: *Ob recorda-
 ti nem, & assi o entēde Caetan.*
ubi sup. *Ad memoriam suffra-
 gij;* parece que bastava tra-
 zer em hũa daquellas par-
 tes aquella lembrança? Ora
 não bastou. Vede Catholi-
 cos. Queria Deos q̄ nunca
 se faltasse àquellas almas
 cõ a piedade de suffragio,
 & por isso mandava trazer
 nos nomes a memoria da-
 quelles defunctos, porq̄ cõ
 a vista da miseria, se infla-
 massẽ no peyto do Sacerdo-
 tẽ a misericordia; & por es-
 ta razão era necessario, que
 alli no peyto como nos hõ-
 bros andassem gravados os
 mesmos nomes porq̄ se an-
 dassem sõmente no peyto,
 podia Aaraõ tirar delles as
 vistas, olhando para os hõ-
 bros, & trazendo-os tambẽ
 nos hõbros, de nenhũa for-
 te os podia tirar dos olhos,
 porq̄ para qualquer parte q̄

olhasse, nunca os podia per-
 der da vista: *Ideo in humeris,*
& in pectore Pötificis hæc no-
mina fuisse incisa, ut qu. cū q̄
se verteret sacerdos, ea ob ocu-
los haberet, & recordaretur
Patriarcharũ. Como Deos
 queria q̄ nunca se faltasse à-
 quelle suffragio, era forço-
 so q̄ andasse sempre diante
 dos olhos aquella memo-
 ria: como he principio da
 cõpayxão a vista da neces-
 sidade, he necessario que se
 ponha aos olhos a necessi-
 dade, para que se ordene a
 compayxão.

Pintou Lilio Giraldo ao
 Favor cõ azas, cego, & cer-
 cado de muitas riquezas, &
 honras do mūdo: com azas,
 dando a entender, q̄ avia de
 ser apressado, cego, porque
 quem o fizesse não pufesse
 os olhos na remuneraçãõ.
 Muito bem applicou a pri-
 meira circumstancia das a-
 zas, mas eu não avia de de-
 crever a segūda circumstan-
 cia da cegueyra, porq̄ a ima-
 gem do favor, & daquelle q̄
 ouver de fazer favores, ha
 de ser copiada pelos ani-
 maes da carroça de Eze-
 chiel: tinha cada hũ destes

qua-

Capill.
vest. A-
aronis ib.

Lilias.

Ezech. 1.
v. 6.

E.
 v.
 70.
 7.

quatro faces, & nellas por
boa razão oytos olhos, ti-
nheo logo azas, & debayxo
das azas mãos. Desta ma-
neyra se ha de pintar a ima-
gem do favor, & a imagem
daquelle q̄ fizer favores ha
de ter hũa, & outra imagem
muitos olhos; porq̄ tanto q̄
tiver olhos, logo ha de ter
mãos para socorrer, & a-
zas para se apressar no re-
medio. Que importaõ as a-
zas? de q̄ servẽ as riquezas,
se me faltareõ os olhos? co-
mo me posso eu mostrar
cõpadecido, se não tiver o-
lhos para ver a materia do
necessitado?

Toda a ventura q̄ encon-
tra Moyses naufragante nas
correntes do Nilo, nasceo
de pór nelle os olhos a filha
de Pharaó. *Qua cū vidisset.*
Miserta ejus. Trinta & oytos
anos avia q̄ o Paralitico es-
perava o remedio, & ninguẽ
se tinha cõpadecido delle,
porq̄ ninguem tinha pesto
nelle os olhos, nunca era vi-
sto, porq̄ sempre se punha
outro diante delle: *Alius an-*
teme descendit, & por isso
nunca era curado: chegou
Christo S. N. & logo q̄ o vio

o remedio: *Cū vidisset ja-*
centem. Das vistas de Chris-
to procederaõ todas as feli-
cidades daquelle enfermo.
Compadeceuse este mesmo
Senhor da Veuva de Nain:
Misericordia motus, mas pri-
meyro q̄ se movesse com a
misericordia, attentou na
sua miseria: *Quam cū vides-*
set Dominus. Para dar reme-
dio ao defuncto Lazaro, a-
chou a Magdalena amante,
tãto como entendida, q̄ e
necessario pór Christo S. N.
os olhos no feu sepulchro:
Domine veni & vide. E final-
mente, todas as felicidades
de S. Pedro procederaõ das
vistas de Christo; *Rex pexit*
per viã & não teve alivio al-
gũ entre o voraz incedio a-
quella guloso Avarẽto rico,
porq̄ não se permitio q̄ pu-
sesse Lazaro nelle os olhos.

Refere Pierio Valeriano,
hũa formaraõ os Egypcios
hũa imagem, q̄ tinha a cabe-
ça de Basilisco, & as azas de
Açor: era este simulachro cõ
tãto artificio organizado, q̄
hũas vezes abria os olhos,
outra os fechava; neste mo-
ver de olhos (como diz o
mesmo Pierio citado por
Car-

Luc. 7. v.

13.

Joann. 11

v. 34.

Luc. 22.

v. 61.

Luc. 16.

v. 24.

Pier. apud

Cartagen.

tom. 1.

Exod. 2.

v. 5. & 6.

Joan. 5. v.

7.

ch. 1.

p. 2.

Cartagena) cōsistia toda a felicidade, & desventura do Egypto: *Prospera autē, aut adversa totius Aegypti fortuna, ex oculis illius pendeat.* Se os fechava, era signal de adversidades; se os abria, era indicio certo de muitas vêturas. Da mesma forte em hũ mover de olhos consiste toda a fortuna dos necessitados, & cõ mayor razão das bẽditas Almas; porq̃ se os fechamos imitãdo a Joseph que apartou os olhos do sepulchro do pay, carecẽ de todo o alivio, se os abrimos imitãdo a Christo S. N. discorrendo pelas suas miserias, recebẽ todo o remedio porque logo as soccorre o piedoso suffragio.

Esta ventagẽ leuaes a Joseph nas vossas exequias, poys não só hũa vez na vida como elle, mas todos os annos pondeis aos olhos as suas angustias, naquelle attãde representadas; mas q̃ muito não aparteis as vistas das suas miserias, se esta vossa piedade traz de vosso amor a sua origem! He semelhante à de Moysês, de quẽ diz o Sylveyra, que foy tão

grande o amor q̃ tinha Joseph, q̃ não teve a morte poder para o deminuir: *Cujus amorem ipsa mors non potuit minuire.* E a razão he porq̃ trazia sempre diante dos olhos os ossos de Joseph: *Tulit Moyses ossa Joseph secum.* Poys se esta acção piedosa era indicio de hũ amor tão grande, q̃ direy, quando a vejo por vós executada? Direy q̃ soys verdadeyros amãtes de vossos irmãos defunctos & verdadeyros irmãos das suas bẽditas Almas; porq̃ se a fraternidade nas angustias se achryfola cõ os creditos de verdadeyras; hoje q̃ na representação as vedes nos mais activos tormentos, & juntamẽte as soccorreis, he certo q̃ verdadeyros irmãos vos accreditaes: *Frater in angustijs comprobatur.*

Não só Catholicos deu Joseph mostras de menos cõpassivo para cõ seu pay, tirando os olhos do seu sepulchro, mas tambẽ de menos amante de seus acertos, apartãdo as vistas daquelle monumẽto; porq̃ não servẽ só para lembrança dos defunctos as vistas das suas miserias,

Exod. 13
v. 19.

Sylv. rom.
4. lib. 6. c.
29.

1. Mach.
v.28
29.

serias, mas também para in-
 cunamento dos vivos, servê
 as vistas dos sepulchros dos
 mortos. Sete pyramides le-
 vantou Simão Machabeo
 sobre os monumentos do
 pay.mã, & irmãos, & não
 serviaõ lómente para eter-
 na memoria de seus ossos:
Ad memoriam eternam; mas
 também eraõ norte dos q̄ na-
 vegivão por aquelles vezi-
 nhos mares: *Quæ v derentur
 ab mnibus navigantibus ma-
 re.* He Catholicos cada mo-
 numento hũa sentença de
 marmor, pela constancia cõ
 q̄ persuade; he cada estatua
 de hũ defunto hũ conselho
 de bronze, pela permanen-
 cia cõ q̄ adverte; & finalmẽ-
 te he cada caveyra hũ des-
 pertador efficaz, q̄ nos avi-
 za o melhor acerto. A esta
 sentença davão grande at-
 tenção os Egypcios, & tam-
 bẽ os Perfas, q̄ tinhaõ den-
 tro de sua casa os monumẽ-
 tos dos seus defunctos, não
 mais q̄ para reformarẽ a vi-
 da cõ a lembrãça da morte.
 A este concelho davão attẽ-
 ção os Ethyopes, encerran-
 do em estatuas as cinzas dos
 seus mortos, para conserva-

Meu
doto

re puros os seus costumes
 cõ os horrores daquella lã-
 branca. A este despertador *Diodor.*
 finalmente davão attenção *sicut.*
 os Emperadores Abyssinos
 trazendo sobre hũ vaso de
 terra a caveyra de hũ defũ-
 cto, para q̄ com a lembren-
 ça da mortalidade gover-
 nassem cõ acerto a sua ref-
 publica.

Imitemos poys Catholi-
 cos em esta acção a estes
 barbaros gentios, porq̄ he
 muyto digna de ser imitta-
 da; demos attenção àquel-
 la sentença, aquelle conce-
 lho, & àquelle despertador
 & pelos seus dictamẽs en-
 caminhemos a nossa consi-
 deração aos horrores do
 Purgatorio; porq̄ além de
 acudirmos ás bemditas Al-
 mas com o suffragio (como
 tenho dito) também avemos
 de foccorrer as nossas cõ o
 remedio; avemos de focor-
 rer as nossas cõ o remedio,
 livrando-as dos incendios,
 cõ q̄ vemos atormentadas
 as bemditas Almas. Poys
 dãdo attenção (me dizeis)
 & pondo os olhos naquelle
 fogo, hey de livrar a minha
 alma daquelles incendios?

Am.

fim, he grãde remedio para me livrar dos incendios do Purgatorio, por os olhos nos mesmos incendios. Vede a Escriptura, & logo a razão.

Num. 21
v. 8.

Por blasfemos foraõ no dezerto mortalmente feridos os Israelitas cõ serpentes de fogo, q̃ o Ceo irado lhes fulminou, & como os golpes do castigo sejaõ despertadores da culpa, logo conhecendo a sua ingrati- daõ, buscãraõ na piedade de Moyfés o seu patrocínio, rogando-lhe q̃ pedisse a Deos os aliviasse daquelle tão penoso tormento. Attẽdo Moyfés á petição do povo, & logo orãdo a Deos ouvio do mesmo Senhor o remedio nestas palavras: *Fac serpentem aneum, & pone eum pro signo; qui percussus aspexerit eñ, vivet.* Faze hũa serpente de bronze, a qual levantarás por signal, & todo aquelle q̃ nella puzer os olhos terá vida. Grãde mysterio! Se as serpêtes tinhaõ sido instrumento daquellas mortaes feridas, como podião essas feridas curarse cõ a vista de hũa serpente? Eu

o direy. Sinco mysterios se descobrẽ naquella serpente, nos quaes está o melhor remedio para tal castigo: o primeyro, & principal prova do meu pensamento era fer esta serpente cheia de lume por dentro, de tal forte q̃ se abrazava, & incendia por fóra: assi o diz Oleastro largamẽte, expondo este mesmo texto; & como o castigo q̃ Deos dava aos Israelitas era de fogo, claro está q̃ para se livrarem daquelle tormento, aviãõ de pór os olhos naquelle castigo: *Qui percussus aspexerit eum, vivet.* Da mesma forte he de fogo o tormento que padecem as Almas no Purgatorio, & por isso quẽ quizer livrarse daquelle martyrio, não tẽ mais q̃ pór os olhos naquelles incendios: *Qui percussus aspexerit eum, vivet.* O segundo mysterio da serpente, era ser figura de hũ defuncto, porq̃ estava crucificada, & assi devia ser, q̃ como Deos queria livrar aquelle povo da morte, era necessario q̃ pusessem os olhos naquelle cadaver: *Qui percussus aspexerit eum, vivet.*

viveth. O terceyro mysterio desta serpente era dar vida, sendo no fogo q̄ dentro de a encerrava, mayor motivo para dar morte; porq̄ como diz Oleario, morre sem remedio, quem ferido de alguma serpente poem os olhos em metal acẽso: *Solet enim homo à serpente percussus statim mori, si æs candens videri contingat.* E como os Israelitas neste metal abrazado tinhaõ à vista mais evidente a morte, por isso pondelhe os olhos, encontravãõ mais certa a vida: *Qui percussus aspexerit eum viveth.* O quarto mysterio era ser de metal de que se fazem os sinos, & não deviãõ ser pouco estrondosos os seus eccos, poys diz o Texto, que estava fazendo hũ signal, q̄ chegava à presença de todo aquelle povo moribundo: *Et posuit eum pro signo.* E como semelhantes signaes sejaõ publicadores dos estragos da morte; claro está que dandolhe attenção, aviaõ de descobrir nelles o remedio de melhor vida: *Qui percussus aspexerit eum viveth.* Era o quinto, & ultimo myste-

rio, não ser esta serpente q̄ dava faude, hũa das q̄ tinhaõ causado a enfermidade, mas semelhante na representação: da mesma sorte, para nos livrarmos dos incédios do Purgatorio, avemos de ver o retrato, & não o original; avemos de ver o retrato ponderando em quanto vivos naquelles tormentos, porque só depoyos de mortos experimentamos os verdadeyros, & então não dão remedio as vistas, só tẽ lugar o sofrimento. Ponhamos poys Catholicos os olhos naquelle tumulto, assi como os punhaõ os Israelitas naquella serpente, porq̄ alli tambem temos representações de fogo, alli tambem temos despertadores da morte, & finalmente alli temos tambẽ o melhor remedio da vida, senão apartarmos os olhos daquella representação.

Mas qual será o motivo, porq̄ as vistas das penas nos livrem de padecer essas penas? Qual será a razão, porque as vistas dos estragos da morte sejaõ remedio para evitarmos aquelles estra-

astr.
vi sup.

Judic. 4
v. 3.

*Clamaverunt
opere
in vida*

gos? A razão he porque são causa de reformarmos a nossa vida; & senão vede. Quiz Deos castigar aos filhos de Israel pelas suas innumeraveis perversidades, & permittio que Jabin Rey dos Chananeos os vexasse por tempo de vinte annos; & he muito digno de reparo, q̄ em todo este tempo não pedissem a Deos misericordia, senão quando virão novecentos carros armados de fouces, q̄ trazia o general do exercito Sifara para os acabar de destruir: & diz o Texto Sagrado, q̄ clamãraõ a Deos porq̄ virão os carros cõ as fouces, como mostrando, q̄ nunca se converteriaõ a este Senhor, senão virão aquellas fouces naquelles carros: *Clamaverunt q̄ filij Israel ad Dominum: non gentos enim habebat falcatos currus, & per viginti annos vehementer oppresserat eos.* Grande mysterio sem duvida! Vem cá Povo Hebréo, até agora perseguido por tempo de vinte annos não temias os destroços, fõ agora vendo as fouces receas as ruinas?

Até agora não te converteste a Deos; padecendo tantas angustias; já agora buscas os seus auxilios, porque vés os carros do exercito armados de fouces? *Non gentos enim habebat falcatos currus?* sim; & a razão he, porq̄ as fouces são insignia da morte: *Ecce falx volans;* & certo q̄ ainda que passassem muitos annos sem se cõverterem a Deos, que avião de pedir-lhe perdãõ de seus peccados, vendo nas fouces o instrumento da morte; porq̄ as vistas da morte, são remedio grãde para reformar a vida. Oh q̄ grande documento, para quem quizer justificar a sua vida! Oh q̄ grande doutrina, para quem quizer evitar os horrores da eterna morte?

Quiz Zenon reformar a vida, & buscando para isso hum Oraculo q̄ lhe desse o remedio, foy-lhe respondido q̄ consultasse hũa cãveyra q̄ perto estava, porq̄ ella fõmente lhe daria o desenganho. Consultemos pòys aquella cãveyra, & aquelle monumento em q̄ está collocada; aquelle monumen-

co, que pela sua etymologia nos está amoeitando o entendimento, como diz S. Augustinho: *Monumentum è quod moneat mentem nuncupatur.* Aquella cãveyra, porq̃ com a sua mudez nos está dando fãdaveis documentos, dizendo: *Attendite & videte.* Attendey para os meus tormentos, para q̃ se cõmoa a vossa piedade com o suffragio; vede tambeẽ estes destioços da morte, para q̃ se reforme a vossa vida com o desengano.

Estes sãõ Catholicos os proveytos q̃ nascẽ das nefas vistas; eites nãõ conseguia Joseph apartando os olhos do sepulchro do Pay, & vós (como espero em Deos) os cõseguireis, poys nãõ tiraes daquelle monumento as vistas, renascendo todos os annos generosa fennis a vossa piedade dos horrores daquellas cinzas. Continuay poys com estes obsequios, mas aveis de seguir estes documentos, se quizeres acreditarvos amãtes de vossos irmãos defunctos, nãõ sãõ aveys de remediar as suas Almas, mas tambem

aveys de soccorrer as vossas, & se assi o nãõ fizeres, nãõ fereys julgados por verdadeyros amantes; porq̃ he certo q̃ quem nãõ se cõpadece da sua alma, mal pôde cõpaderse das Almas de seur irmãos; nem pôde amar a outrem aquelle que nãõ sãõ ama a si: *Amare aliũ non potest, qui se ipsum non amat.* Pelo vosso amor, disse Christo S. N. aveys de regular o amor de vossos irmãos: *Diliges proximum sicut te ipsum.* Verte o Syriaco este texto desta maneyra: *Diliges proximum tuum sicut animam tuam.* Has de amar a teus irmãos assi como amares a tua alma: primeyro nos ensinou o amor da nossa alma, do que o amor das almas de nossos irmãos; porẽm ainda que haja precedẽcia no amar, sempre ensina o mesmo Senhor que ha de aver semelhãça no soccorrer: *Sicut animam tuam.* Se sãõ as vistas motivo dos refrigerios, que dais às Almas de vossos irmãos defunctos com este presente suffragio; sejaõ as vistas igualmente motivo de sal-

vares

Aug. lib.

83. 2. 12.

ren. 1.

.12.

S. Aug.

Math.

22.39.

Syriac. ap.

Sylv.

vares as vossas com aquelle defengano : nisto consiste a verdadeyra fraternidade, porque nisto se funda o verdadeyro amor. *Diliges.* O verdadeyro amor na semelhança do remedio : *Diliges sicut animam tuam.* A verdadeyra fraternidade na occasiaõ do soccorro: *Frater in angustijs, &c.*

Suspenda-se poys à vista destas vossas exequias o louvor que applaude as exequias que celebrou Joseph, poys nestas mostraes mais piedade mais amor, & mais commisseraçãõ em ordẽ ao preceyto, em ordẽ às lagrymas, & ordẽ às vistas ; em ordẽ ao preceyto, porq̃ Joseph obrava conf-

trágido, & vós volutarios, em ordẽ ao pranto, porque elle usava das lagrymas, & vós do suffragio ; & orden. às vistas, porque elle apartandoas do sepulchro do pay, apartou juntamente delle a sua lembrança, & vós com a sua repetiçãõ perpetuaes a memoria de vossos irmãos defunctos, servindo juntamente de dous remedios as mesmas vistas ; de remedio para vossas Almas, reformando com aquelle defengano as vossas vidas, de remedio para as Almas de vossos irmãos defunctos levandoas com estes suffragios aos acentos da Eterna Gloria.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

FINIS.

